



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**ANÉZIA FRANCISCA LISBOA**

**A INTERAÇÃO ENTRE FAMÍLIA E ESCOLA NO PERCURSO EDUCACIONAL  
DO ALUNO COM AUTISMO**

**CAJAZEIRAS – PB  
2024**

**ANÉZIA FRANCISCA LISBOA**

**A INTERAÇÃO ENTRE FAMÍLIA E ESCOLA NO PERCURSO EDUCACIONAL DO  
ALUNO COM AUTISMO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Unidade Acadêmica de Educação, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande, Campus de Cajazeiras - PB, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Suzi Alves Montiel

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação -(CIP)

L769i Lisboa, Anésia Francisca.  
A interação entre família e escola no percurso educacional do aluno com autismo / Anésia Francisca Lisboa. – Cajazeiras, 2024.  
48f.  
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Suzi Alves Montiel.  
Monografia (Licenciatura em Pedagogia) UFCG/CFP, 2024.

1. Educação especial. 2. Educação - Crianças autistas. 3. Aluno autista.  
4. Interação - Família e escola. 5. Transtorno do Espectro Autista. I.  
Montiel, Suzi Alves. II. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU – 376

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Denize Santos Saraiva Lourenço CRB/15-046


ANÉZIA FRANCISCA LISBOA

A INTERAÇÃO ENTRE FAMÍLIA E ESCOLA NO PERCURSO EDUCACIONAL DO  
ALUNO COM AUTISMO

Aprovado em: 18/07/2024.

BANCA EXAMINADORA

  
\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Suzi Alves Montiel  
Orientadora

  
\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Nozângela Maria Rolim Dantas  
Examinadora Titular

  
\_\_\_\_\_  
Me. Nathalia Maria de Sousa Feitosa  
Examinadora Titular

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. José Amiraldo Alves da Silva  
Examinador Suplente

CAJAZEIRAS - PB  
2024

Dedico este trabalho a DEUS, por todas as bençãos e luz que a mim foram concedidas durante toda minha trajetória.

## AGRADECIMENTOS

Durante meu período de formação, tive momentos de dificuldades e obstáculos a serem vencidos, como também momentos de felicidade a cada conquista que ia sendo realizada, e assim estar se aproximando o momento de encerrar mais um ciclo na minha vida. Diante de tudo isso, agradeço primeiramente a Deus pelo dom da minha vida, e a Nossa Senhora Aparecida, por sempre estarem ao meu lado, abençoando minha vida e instruindo meus sonhos e minhas conquistas.

Agradeço ao meu esposo José Helenildo e minha filha Louise, por sempre estarem ao meu lado, me apoiando, me ajudando e contribuindo para que conseguisse concluir o curso de Pedagogia. Durante minha formação acadêmica Deus me presenteou com minha filha, e apesar de todos desafios pra ir pra faculdade em outra cidade e deixá-la em casa tão pequena, com esforços consegui, e assim, conciliar sua vinda e toda nova demanda que surgia. Mas sempre pensando em você, consegui chegar até aqui. Tudo sempre será por vocês.

Minha gratidão aos meus pais Francisca e Álvaro (*in memoriam*), por todo amor, apoio, orações e incentivo que me propocionaram durante minha caminhada. Tenho certeza meu pai estará sempre olhando por mim. E minha mãe eu agradeço por todas vezes se disponibilizou me ajudar, pricipalmente ficando minha filha para eu ir estudar, nas vezes que por motivos de trabalho em outra cidade meu esposo não tinha como ficar com ela. De mãos dadas com vocês consegui conquistar tudo que sou, e tudo que tenho.

Aos meus irmãos e irmãs por sempre estarem na minha torcida e emanarem positividade.

A minha querida orientadora, Prof<sup>a</sup>. Dra. Suzi Alves Montiel, que veio com uma luz na construção deste trabalho, além de uma excelente profissonal, com seu lado humano e generoso aceitou me ajudar principalmente no momento que mais precisei, agradeço por toda disponibilidade, cuidado e atenção. Sempre lembrarei das suas aulas com carinho, pois conseguiam despertar nos alunos ânimo para conclusão do trabalho.

Aos professores do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande, que contribuíram para a minha formação, trazendo ensinamentos que agregaram muito na construção de conhecimentos.

Aos meus amigos e colegas de curso, Amanda, Rayssa, Larissa e Mary pelo suporte e encorajamento durante essa jornada, onde compartilhamos momentos de angústia, medo, insegurança e de muita alegria.

Agradeço a minha amiga Cidinha, onde juntas compartilhamos momentos bons e ruins na graduação, e seguimos uma ajudando a outra e encorajando para não desistirmos.

Aos participantes desta pesquisa, as mães e as professoras, por a disponibilidade e atenção em ter aceitado participar da entrevista.

As professoras: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Nozângela Maria Rolim Dantas e Me. Nathalia Maria de Sousa Feitosa, por terem aceitado participar da banca examinadora, e por todas contribuições.

E a todos que contribuíram na construção deste trabalho e durante minha formação, só tenho agradecer. Muito obrigada.

Assim como um diamante precisa ser lapidado para brilhar, uma pessoa com autismo merece e deve ser acolhida, cuidada e estimulada a se desenvolver.

(Ana Beatriz Barbosa Silva)



## RESUMO

Considerando a necessidade de refletir sobre algumas questões relacionadas ao processo educativo da criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA), o presente estudo apresenta contribuições que nos levam a refletir em que a relação entre a família e a escola do aluno com TEA pode proporcionar ao seu processo de ensino e aprendizagem. Para isso, tem como objetivo geral compreender a relação entre a família e a escola da criança com autismo. O que justifica essa investigação é a necessidade de pesquisa nessa área, sobre como o trabalho colaborativo entre a família e a escola podem contribuir para o desenvolvimento da criança com autismo. Nesta pesquisa buscou-se responder a seguinte questão problematizadora: como a participação da família no processo educativo de uma criança com Transtorno do Espectro Autista pode contribuir no seu processo de aprendizagem acadêmico? Considerou-se a hipótese de que direcionar nosso olhar para essa questão, proporcionou compreender os obstáculos e desafios que são enfrentados cotidianamente no contexto escolar da questão apresentada. Para isso foram abordados alguns autores, como: Oliveira (2010), Silva (2012), Belisário e Cunha (2010), Serra (2010), entre outros. Desta forma, realizou-se então uma pesquisa de natureza básica, sendo qualitativa, com caráter exploratório e descritivo, tendo como instrumento de coleta de dados a entrevista semiestruturada, realizada com 03 professoras e 02 mães de crianças com autismo. A partir da análise de dados, percebeu-se que o trabalho realizado entre a família e a escola está sendo feito de forma que está contribuindo com o desenvolvimento da criança com autismo. Em resumo, considerou-se que através da parceria entre família e escola, favorece a aprendizagem e desenvolvimento social das crianças com TEA.

**Palavras-chave:** autismo; família e escola; desenvolvimento.

## ABSTRACT

Considering the need to reflect on some issues related to the educational process of children with Autism Spectrum Disorder (ASD), this study presents contributions that the relationship between the family and the school of a student with ASD can provide to their teaching and learning process. Therefore, the general objective is to understand the relationship between the family and the school of the child with autism. The justification for this investigation is the need for research in this area, specifically on how the family and the school can collaborate for the development of the child with autism, taking into account the difficulties faced by the family and the school in the educational context of the child with autism. This research aims to answer the following problematic question: How can the participation of the family in the educational process of a child with Autism Spectrum Disorder contribute to their learning process? We consider the hypothesis that focusing on this issue will provide an understanding of the obstacles and challenges faced daily in the school context regarding the presented issue. To address this, some authors were referenced, such as Oliveira (2010), Silva (2012), Belisário and Cunha (2010), Serra (2010), among others. Thus, we used basic research as the methodological approach, being qualitative, with an exploratory and descriptive character, utilizing semi-structured interviews as the data collection instrument, conducted with 03 teachers and 02 mothers of children with autism. From the data analysis, we found that the work done between the family and the school is contributing to the development of the child with autism.

**Keywords:** autism; family and school; development.

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

**APA** - Associação Americana de Psiquiatria

**DSM** - Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais

**LDB** - Lei de Diretrizes e Bases da Educação

**TEA** - Transtorno do Espectro do Autismo

**TGD** - Transtorno Global do Desenvolvimento

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>2. TEA – TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA.....</b>	<b>15</b>
2.1 INCLUSÃO DE PESSOAS AUTISTAS NO SISTEMA EDUCATIVO BRASILEIRO.....	18
<b>3. A IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA .....</b>	<b>23</b>
<b>4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>30</b>
4.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA .....	30
4.2 PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	32
4.3 INSTRUMENTOS DE COLETAS DE DADOS.....	33
<b>5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS: A RELAÇÃO ENTRE FAMÍLIA E ESCOLA DA CRIANÇA COM TEA .....</b>	<b>35</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>41</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>43</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>46</b>

## 1. INTRODUÇÃO

As discussões sobre o autismo vêm se intensificando, assim como a demanda por implementação da inclusão nas escolas. Diante desse contexto, é crucial e indispensável promover uma reflexão mais ampla sobre essa temática. Ao analisarmos a trajetória do processo de inclusão de pessoas com autismo, percebemos que em um passado recente, essas pessoas, que não se ajustavam a um padrão considerado típico, eram frequentemente segregadas da vida social. Sendo rotuladas como "anormais" e vistas como incapazes de desenvolver intelectualmente ou de interagir socialmente, enfrentando exclusão em muitos aspectos da vida cotidiana.

Diante dessa realidade, a busca por estratégias que buscam auxiliar na superação dos desafios encontrados no processo de inclusão de alunos com TEA aumentou, o mesmo representa o objeto desta pesquisa e que frequentemente enfrentam obstáculos ao serem incluídos no ensino regular. Neste cenário reconhecemos e defendemos que a colaboração entre a família e a escola pode oferecer contribuições significativas que favoreçam o desenvolvimento educacional do aluno com autismo. No entanto, essa colaboração muitas vezes é percebida como distante, tanto pela instituição de ensino quanto pelos pais ou responsáveis. Diante dessa realidade, surgem questionamentos sobre as contribuições e os desafios presentes na relação entre família e escola de alunos com autismo.

Tendo em vista que, a educação da criança tem início no seio familiar, onde ela realiza seus primeiros aprendizados com os pais. Ao ingressar na escola, essa ligação não deve se distanciar. Observa-se que a família representa um papel significativo na formação da personalidade e da integração social da criança.

Nesse contexto de desenvolvimento e aprendizado do aluno é essencial que não apenas a escola desempenhe seu papel, como também a família, acreditando que a sua participação ativa em colaboração com a escola poderá contribuir significativamente para o desenvolvimento e aprendizado dos alunos com autismo.

Nessa perspectiva, esta pesquisa busca responder ao seguinte questionamento norteador: como a participação da família no processo educativo de uma criança com Transtorno do Espectro Autista pode contribuir no seu processo de aprendizagem acadêmico?

O que justifica essa investigação é a necessidade de pesquisa nessa área, sobre como o trabalho colaborativo entre a família e a escola podem contribuir para o desenvolvimento da criança com autismo. Tendo em vista as dificuldades enfrentadas por essas instituições no contexto educacional da criança com TEA, assim se faz necessário esse estudo em torno de estratégias eficazes, para serem desenvolvidas de forma colaborativa na busca de impactar positivamente no desenvolvimento de habilidades acadêmicas da criança.

Compreender como essa parceria é estabelecida, mantida e fortalecida pode fornecer dados valiosos para identificar estratégias eficazes de apoio aos alunos com autismo, bem como para promover um ambiente escolar que além de inclusivo, seja acolhedor. Ao entender os desafios e as melhores práticas envolvidas nessa relação, é possível desenvolver intervenções e políticas educacionais mais eficazes, visando melhorar a experiência e o sucesso acadêmico desses alunos.

Desse modo, definimos o objetivo geral da pesquisa que é: compreender a relação entre a família e a escola da criança com autismo. Quanto aos objetivos específicos temos:

- Verificar os desafios existentes entre a escola e a família da criança com autismo no processo educativo;
- Identificar como a escola está oportunizando a família a participar da formação da criança frente as necessidades existentes do aluno com TEA.

Em busca de alcançar os objetivos mencionados acima, este trabalho monográfico está dividido em cinco seções. A primeira seção é a introdução, na qual ressaltamos pontos importantes que embasam a nossa pesquisa, como reflexão sobre o que será abordado no decorrer do estudo, a problemática a ser abordada, juntamente com os objetivos delineados para o desenvolvimento do nosso Trabalho de Conclusão de Curso.

Na segunda seção, destacamos sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA), trazendo concepções de autores e pontuando algumas de suas características, possíveis causas e como acontece o diagnóstico. Enfatizamos ainda sobre o processo inclusivo do aluno com autismo no sistema educacional brasileiro, como acontece essa inclusão, e seus desafios, como também destaca leis que asseguram direitos a pessoa com autismo. Considerando a importância da relação família e escola para o desenvolvimento da aprendizagem do aluno, apresentamos na terceira seção as contribuições e dificuldades resultantes dessa interação. Na

quarta seção, traçamos os procedimentos metodológicos, que descrevem sobre a metodologia aplicada para a realização da pesquisa, apresentando a caracterização e os participantes da pesquisa, como também os instrumentos de coleta de dados. E na quinta seção, realizamos a análise dos dados coletados, com a finalidade de alcançar as questões norteadoras e atingir os objetivos que foram traçados ao longo da construção do Trabalho de Conclusão de Curso. Por fim, as considerações finais apresentando as considerações desse estudo.

## 2. TEA – TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um tema amplamente discutido atualmente. Entretanto ainda há muitas pessoas que desconhecem o assunto, o que pode levá-las a uma visão equivocada e, muitas vezes, ao preconceito, por não saberem como lidar com o “diferente”. Nesse sentido, é essencial o debate e a divulgação de informações sobre o autismo, para que cada vez mais pessoas possam realmente compreender do que se trata.

Sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é importante destacar que se trata de um transtorno do neurodesenvolvimento, que se caracteriza por um desenvolvimento atípico, com dificuldades na interação social, comunicação e padrões comportamentais repetitivos e estereotipados. Moro (2010, p. 24) aponta que “são comuns ao quadro do autismo: inabilidade da interação recíproca; inabilidades na comunicação ou presença de condutas estereotipadas, interesses e atividades restritos.” Corroborando com essa concepção, Araújo (2019, p. 01) define o autismo como “um transtorno do desenvolvimento neurológico, caracterizado por dificuldades de comunicação e interação social e pela presença de comportamentos e/ou interesses repetitivos ou restritos”.

É importante ressaltar que até o DSM-V (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais), o autismo fazia parte do Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) ou o Transtorno Global do Desenvolvimento (TGD), onde compreendiam o Transtorno Autista, Transtorno de Asperger, Transtorno Desintegrador da Infância, Transtorno de Rett e Autismo atípico. Com a nova atualização, publicada em 2013, em sua 5ª edição, o atual DSM-V traz todos os transtornos da TGD para o TEA, então o autismo passa a ser chamado de Transtorno do Espectro do Autismo.

O autismo é classificado como um transtorno do neurodesenvolvimento, as crianças enfrentam dificuldades na interação social, comunicação e presença de movimentos restritos e repetitivos, tais como: padrões de fala incomuns, falta de contato visual, falta de resposta ao próprio nome quando chamado, atrasos na fala, dificuldade em manter conversas, repetição de palavras ou frases e dificuldade em entender os sentimentos do próximo e em manifestar os seus.

Além disso, é comum demonstrarem apego excessivo a objetos específicos, realizar movimentos repetitivos do corpo e exibir comportamentos de alinhamento ou organização de brinquedos em linha, entre outros. Geralmente, alterações na rotina



ou exposição a ambientes barulhentos e super estimulantes podem causar desconforto, podendo desencadear ações de raiva, frustração, angústia ou tristeza.

As causas do TEA ainda não são totalmente identificadas, Schmidt (2008) aponta que, quando estava surgindo os primeiros diagnósticos de criança com autismo, era visto como um transtorno raro, pois eram poucos os números. Com o passar do tempo, percebemos um aumento considerável no número de crianças que estão sendo diagnosticado com autismo. Apesar desse aumento e de pesquisas realizadas nessa área, as causas ainda não são totalmente identificadas. Apresenta-se como um transtorno, com variação de sintomas e níveis de suporte, ao qual sugerem que possa resultar de uma combinação de diferentes fatores genéticos.

Para contribuir no desenvolvimento intelectual e social da criança com autismo, existe tratamento que tem a finalidade de contribuir no controle dos sintomas e na elevação do nível, colaborando para que a criança consiga desenvolver tanto no processo educativo como social. Para o indivíduo com autismo o mundo apresenta-se muito solitário, “onde o contato físico direto e os movimentos ou ruídos que ameaçam romper a solidão são tratados como se não estivessem ali, ou, não bastasse isso, são sentidos dolorosamente como uma interferência penosa” (Belisário; Cunha, 2010, p. 09). Essa percepção intensa e negativa de certos estímulos pode dificultar a interação social e a comunicação, intensificando o sentimento de isolamento.

O diagnóstico do autismo é realizado por meio de um parecer multiprofissional. Não existe um exame próprio que possa diagnosticar o autismo, sendo baseado em uma avaliação abrangente do desenvolvimento da criança, histórico médico e comportamental, bem como na observação de seu comportamento em diferentes situações. Para fechar diagnóstico são necessários algumas considerações.

De acordo com a Lei nº 12.764/2012, referente à Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, o artigo 1º define que o TEA consiste em:

- I - deficiência persistente e clinicamente significativa da comunicação e da interação sociais, manifestada por deficiência marcada de comunicação verbal e não verbal usada para interação social; ausência de reciprocidade social; falência em desenvolver e manter relações apropriadas ao seu nível de desenvolvimento;
- II – padrões restritivos e repetitivos de comportamentos, interesses e atividades, manifestados por comportamentos motores ou verbais

estereotipados ou por comportamentos sensoriais incomuns; excessiva aderência a rotinas e padrões de comportamento ritualizados; interesses restritos e fixos (Brasil, 2012).

De acordo com a Lei mencionada, observamos que para um diagnóstico faz-se necessário um prejuízo na interação social, comunicação e apresentação de interesses restritos e repetitivos.

Para o diagnóstico da criança com autismo, deve embasar-se nos critérios do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), guia publicado pela Associação Americana de Psiquiatria (APA). Como mencionado, está em sua 5ª edição, e é amplamente usado como referência para o diagnóstico de transtornos mentais e transtornos do neurodesenvolvimento como o autismo.

Segundo Silva e Mulick (2009), conforme o DSM-IV incluía uma lista de doze sintomas relacionados ao diagnóstico de TEA. Se a criança apresentasse pelo menos seis desses sintomas, podia ser diagnosticada com TEA. Para um diagnóstico mais específico, era necessário considerar que, entre esses sintomas, dois estivessem relacionados à interação social, um à comunicação e um aos comportamentos restritos e repetitivos.

Com a nova atualização de 2013, o DSM-V os critérios de diagnóstico apresentam modificações. Os profissionais devem avaliar duas áreas para diagnosticar uma indivíduo com TEA: a comunicação e os padrões repetitivos e restritos de comportamento, atividades ou interesses.

Crianças com TEA geralmente apresentam sinais que já podem ser percebidos nos primeiros meses de vida: elas podem não manter contato visual efetivo e não responder quando são chamadas. Chiote (2019) aponta que as características relacionadas ao comportamento da criança com autismo, tendem a se manifestar por volta dos três anos de idade. Na maioria das vezes, apresentaram dificuldades na interação com o próximo, comportamentos de repetição e não reagirem bem as brincadeiras típicas dos pais, como jogos de esconder, entre outros.

De acordo com o DSM-5, os níveis de intensidade do transtorno também contribuem para o diagnóstico do autismo, sendo classificados com base no nível de suporte necessário. Esses níveis são: nível 1 - autismo leve (pouca necessidade de suporte), nível 2 - autismo moderado (necessidade de suporte substancial) e nível 3

-- autismo severo (muita necessidade de suporte substancial). Segundo Gaiato (2018, p. 32):

Em termos de gravidade dos sintomas, em princípio se usava leve, moderado e grave [...]. Agora, na nova versão, o DSM-5 divide o TEA em nível 1, 2 e 3, com base nos níveis de apoio e de intervenção que a pessoa com autismo precisa receber.

As crianças que fazem parte do nível 1, são que tem sintomas mais leves, com dificuldade em interações sociais e movimentos repetitivos, não se adaptam bem a mudanças de rotina e podem ser verbais. No nível 2 estão as crianças que tanto podem ser verbais como não verbais, tem dificuldades em interagir com as pessoas, movimentos repetitivos e comportamento reservado. No nível 3 a maioria das crianças é não verbal, tem dificuldade em comunicar-se e socializar, além serem sensíveis a estímulos sensoriais. Quanto mais cedo acontecer o diagnóstico melhor será para direcionar o tratamento, realizar uma intervenção precoce e minimizar os prejuízos.

No próximo ponto, serão abordados aspectos da inclusão de alunos com autismo, dificuldades e possibilidades.

## 2.1 INCLUSÃO DE PESSOAS AUTISTAS NO SISTEMA EDUCATIVO BRASILEIRO

Pessoas com deficiência foram consideradas por muito tempo como doentes e incapazes de terem uma vida profissional e social. Eles não eram tratados como cidadãos, tendo o acesso à educação, atividades de lazer, cultura e de exercício de cidadania negados. Para atuarem no mercado de trabalho eram vistas como inúteis, e assim eram excluídas.

Diante dessa realidade, começaram a surgir mudanças em torno da iniciativa da educação inclusiva. Nunes, Saia e Tavares (2015), destacam dois momentos específicos que revelam modificações na educação inclusiva. Destaca-se a Conferência Mundial de Educação para Todos, que foi realizada no ano de 1990, aconteceu em Jomtien, na Tailândia, tendo como principal foco a educação.

Outro momento foi a Conferência Mundial Sobre Necessidades Educativas Especiais, realizada em 1994, em Salamanca, na Espanha, dessa conferência ficou estabelecida a Declaração de Salamanca, que é um documento que visa garantir educação das pessoas com deficiência como parte do sistema educativo. Entre os princípios que estão presentes na Declaração de Salamanca é fundamental ressaltar que:

Toda criança tem direito fundamental à educação, e deve ser dada a oportunidade de atingir e manter o nível adequado de aprendizagem; toda criança possui características, interesses, habilidades e necessidades de aprendizagem que são únicas; sistemas educacionais deveriam ser designados e programas educacionais deveriam ser implementados no sentido de se levar em conta a vasta diversidade de tais características e necessidades; aqueles com necessidades educacionais especiais devem ter acesso à escola regular, que deveria acomodá-los dentro de uma Pedagogia centrada na criança, capaz de satisfazer a tais necessidades (Brasil, 1994).

Com o passar do tempo, foram sendo consolidadas conquistas em torno da educação inclusiva. Quando falamos sobre crianças com autismo e diante do crescente número de diagnóstico em todo o mundo, percebemos que as Leis contribuíram nesse processo de inclusão e de amparo. Na legislação brasileira, os direitos das pessoas com TEA são assegurados, como também existe as legislações específicas para o autismo. Ressaltaremos algumas leis aqui sobre a pessoa com autismo.

Em dezembro de 2012, no Brasil, foi instituída a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, através da Lei nº 12.764/2012, conhecida como Lei Berenice Piana. Através desta lei as pessoas com TEA passaram a ter uma legislação própria, como também a serem consideradas como pessoas com deficiência, assim estabelecida no Art. 1º, parágrafo §2º: “A pessoa com transtorno do espectro autista é considerada pessoa com deficiência, para todos os efeitos legais” (Brasil, 2012). Com esta lei as pessoas com autismo passaram a ter um amparo legal para terem acesso a serviços de saúde, educação e todos acompanhamentos que sejam necessários. Além disso, garante para profissionais da educação formação inicial e continuada para criação de atividades voltadas para inclusão de crianças com autismo, assegurando matrícula no ensino regular e disponibilidade de profissionais de apoio a criança que necessite.

Nesse sentido, no dia 06 de julho de 2015, a Lei nº 13.146/15, intitulada Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, assegura direitos a pessoas com deficiência. De acordo com o Art. 1º diz que é: “destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania” (Brasil, 2015). Compreendemos o quanto a legislação é importante, para assim garantir direitos as pessoas com deficiência, e ao mesmo tempo, buscar promover uma educação inclusiva de qualidade que oportunize a todos a conviverem socialmente.

Durante o percurso escolar do aluno com TEA, as Leis vêm garantir direitos nesse processo inclusão. Nesse sentido, cada criança com autismo, é assegurado por Lei, o apoio no espaço escolar de acompanhante, sendo uma pessoa que deverá dar suporte a criança e que seja preparada para tal finalidade. Sobre isso, segundo a Lei 9394/96 - LDB, no Art. 59, § I e III:

Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação: currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específica, para atender às suas necessidades; [...] professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns (Brasil, 1996).

Se tratando de inclusão, a escola precisa estar preparada e qualificada para conduzir da melhor maneira possível o processo de formação e inclusão da criança, buscando oferecer um espaço escolar acolhedor e propocionando um ambiente favorável para o seu desenvolvimento. “Para que o acesso esteja garantido, torna-se necessário assegurar a permanência com qualidade” (Suplino, 2009, p. 2) contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e para a expansão do sistema educativo em busca de adequações que promovam uma inclusão efetiva.

A Constituição Federal de 1988, no Art. 205 descreve que: “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa [...]”. Dessa forma a educação é direito de todos, sem diferenciação de pessoa, como também se faz de forma colaborativa em parceria com um todo. Compreendemos assim, que no processo de inclusão não deve haver nenhum tipo de discriminação.

Nesse sentido, falar em incluir vai muito além de ter uma criança com TEA matriculada na escola. Refere-se a assegurar a criança o direito de ter um ensino de qualidade e de forma igualitária, promovendo um ambiente que possam se sentir valorizadas, como também foquem no desenvolvimento de suas habilidades. Para a escola, esse pode ser visto como um dos desafios existentes no processo de inclusão do aluno com autismo, pois buscam despertar mudanças no modo de analisar como a educação esta sendo feita. Entretanto, as possibilidades existem para buscar solucionar os desafios e aconteça um processo de inclusão de forma efetiva.

É importante ressaltar que as escolas possuem a responsabilidade de incluir todos os alunos com autismo. A acolhida dessas crianças e de seus familiares é de extrema importância para auxiliar no processo de escolarização, proporcionando ao professor atuar de forma atenta à cada necessidade do aluno, e assim desenvolver as melhores estratégias para o aluno se sentir capaz de desenvolver competências e habilidades. Sabemos que cada criança desenvolve de acordo com o seu tempo, por isso é tão importante o olhar cuidadoso e atento pelo profissional da educação. A escola junto com os professores desempenham papel fundamental no processo de inclusão e desenvolvimento do aluno com TEA. De acordo com Oliveira (2020, p. 03),

O professor deve desenvolver metodologias de aprendizagem para que o aluno autista consiga se comunicar e se desenvolver. O conteúdo do programa de uma criança autista deve estar de acordo com seu desenvolvimento e potencial, de acordo com a sua idade e de acordo com o seu interesse; o ensino é o principal objetivo a ser alcançado, e sua continuidade é muito importante, para que elas se tornem independentes. Trabalhar com alunos autistas exige o desenvolvimento de práticas e estratégias pedagógicas que acolham todos e respeitem as diferenças.

Percebe-se o quanto o papel do professor é importante para que a criança com autismo, se desenvolva e consiga obter autonomia nas situações cotidianas no ambiente escolar e social. É esse olhar atento e cuidadoso do professor junto à escola que contribuirá para descobrir estratégias e métodos da melhor forma de trabalhar em sala de aula com alunos com autismo e assim, e despertar o seu interesse e promover o desenvolvimento de suas habilidades acadêmicas, como também sociais.

Para o professor é fator primordial a busca por conhecimentos, formações e aperfeiçoamento da sua prática docente, para assim dispor de metodologias eficazes para atuar na sala de aula. Promover a formação e capacitação dos educadores, representa favorecer ao educador meios de atuar em ambiente escolar que tenha condições de atender às necessidades de cada aluno.

Para atingir esse objetivo, demanda dos professores estarem preparados e conscientes do seu papel.

Para que a escola possa promover a inclusão do autista é necessário que os profissionais que nela atuam tenham uma formação especializada, que lhes permita conhecer as características e as possibilidades de atuação destas crianças. Tal conhecimento deveria

ser efetivado no processo de formação desses profissionais, sobretudo dos professores que atuam no ensino fundamental (Silva; Brotherhood, 2009, p. 03).

É na escola que acontece esse primeiro e tão importante contato para a criança, pois é na escola que ela poderá desenvolver habilidades cognitivas e de interação social. Nesse sentido, é essencial a interação com outras crianças, pois, conforme Camargo e Bosa (2009, p. 67), “para ultrapassar os déficits sociais dessas crianças, é preciso possibilitar o alargamento progressivo das experiências socializadoras, permitindo o desenvolvimento de novos conhecimentos e comportamentos”.

Sendo assim, incluir uma criança com TEA à escola regular, é um meio de estar oportunizando a interação com as demais crianças, sendo favorável para o seu desenvolvimento social e estimulando a linguagem, como também oportuniza as outras crianças sobre conviver e aprender com as diferenças. De acordo com Silva (2012, p. 112),

A inclusão escolar teria o objetivo nobre de colocar as crianças com necessidades especiais em contato com seus pares, o que facilitaria seu desenvolvimento e ensinaria a todo o grupo que é possível conviver com a diversidade, na construção de um mundo melhor. Falar em inclusão é um tema delicado e complexo quando saímos da teoria e partimos para uma prática efetiva nas escolas.

Dessa maneira, a presença de um aluno com autismo na sala de aula estará contribuindo não apenas para o seu desenvolvimento como também para o enriquecimento e aprendizado das demais crianças, em um ambiente de diversidade.

A inclusão de crianças com autismo, apesar dos desafios existentes, traz consigo inúmeras possibilidades para que aconteça de forma comprometida, para isso deve acontecer sempre em conjunto, buscando existir uma parceria entre a escola, a família, os professores e os demais profissionais da escola.

### 3. A IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA

A família e a escola desempenham papéis fundamentais no desenvolvimento do ser humano. Quando pensamos na educação de uma criança, é natural que primeiro consideremos a influência da família, especialmente a educação proporcionada pelos pais. Desde o nascimento, a família tem um papel essencial na formação da criança, como também a escola. Dessa forma, a educação resulta por uma combinação de influências e ensinamentos vindos tanto da família quanto da escola, cada uma contribuindo de maneira significativa para o crescimento e aprendizado da criança. Desta forma, a educação é representada por um:

Conjunto de ações, processos, influências, estruturas que intervêm no desenvolvimento humano de indivíduos e grupo na relação ativa com o ambiente natural e social, num determinado contexto de relações entre grupos e classes sociais (Libâneo, 2000, p. 22).

O autor enfatiza sobre o processo educativo que não acontece de forma isolada, e sim um processo que resulta de interações sociais e ambientais, que remete ao papel da família no desenvolvimento educativo da criança. Sendo que “a família é considerada a primeira agência educacional do ser humano e é responsável, principalmente, pela forma com que o sujeito se relaciona com o mundo, a partir de sua localização na estrutura social” (Oliveira, 2010, p. 100). Nesse sentido, considera-se sobre a importância da participação da família na formação inicial do indivíduo, sendo a base onde a criança constrói seus primeiros valores, comportamentos e habilidades sociais. A forma como a criança de hoje, e o adulto de amanhã se relaciona com o mundo é fortemente influenciada pela educação vivida no ambiente familiar.

Quando a criança começa a frequentar a escola, é comum surgir uma nova percepção, onde ocorre uma transferência de responsabilidades e compromissos entre a escola e a família que pode interferir em sua trajetória escolar. A colaboração entre essas duas instituições contribui para a educação de qualidade da criança, compartilhando o objetivo comum de desenvolver habilidades, conhecimentos, competências e formar um ser crítico e social. A parceria entre escola e família, ao dividir responsabilidades, fortalece o processo educativo da criança. Conforme a LDB-Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 9394/96)

Art. 2º A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos



princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Dessa forma, salienta-se a importância da participação da família na escola como elemento primordial para o desenvolvimento da criança, com a escola atuando como mediadora entre a criança e o conhecimento. Segundo Szymanski (2003, p. 22) “é na família que a criança encontra os primeiros outros e, por meio deles, aprende os modos de existir – seu mundo adquire significado e ela começa a constituir-se como sujeito”. Mesmo antes de ir para a escola, a criança já inicia seu processo educativo em casa, sendo na família que ela começa sua educação.

Ao falarmos na colaboração da família e da escola, consideramos a especificidade que cada uma traz para o desenvolvimento da criança. Se a criança inicia seu primeiro contato com a educação na família, não seria benéfico para seu desenvolvimento que esse contato fosse transferido exclusivamente para a escola ao ingressar nela.

Costuma-se dizer que a família educa e a escola ensina, ou seja, à família cabe oferecer à criança e ao adolescente a pauta ética para a vida em sociedade e à escola instruí-los, para que possam fazer frente às exigências competitivas do mundo na luta pela sobrevivência. Talvez essa seja uma concepção por demais simplista para equacionar as relações entre a família e a escola em nossos dias, mas qualquer avanço na discussão de até onde vai o papel da família e onde começa o da escola nos conduziria a outro patamar de considerações que extrapolam os limites da contestação à pergunta formulada (Osório, 1996, p. 82).

De acordo com o pensamento de Osório, reflete-se sobre os papéis da família e da escola, onde cabe à família fornecer à criança a base ética para a vida em sociedade, enquanto à escola compete instruí-los academicamente para que possam enfrentar as exigências do mundo e atuar nesse ambiente competitivo. Desta forma, percebe-se a necessidade de uma compreensão mais profunda das funções da família e da escola no desenvolvimento da criança. Onde espera-se que cada instituição atue de forma contínua e colaborativa, indo além do momento inicial em que a criança ingressa na escola. Sendo necessário para garantir que a criança se sinta segura e confiante em seu ambiente escolar.

Para isso, cabe a família acompanhá-la no seu desenvolvimento acadêmico, oferecendo suporte diário. Enquanto a escola tem a responsabilidade de mediar conhecimentos à criança e desenvolver a criança como ser humano crítico e social,

a família é a que ensina os primeiros valores a criança. Cada uma desempenha seu papel específico, porém complementando-se mutuamente. Segundo Szymanski (2003, p. 101), “As famílias podem desenvolver práticas que venham a facilitar a aprendizagem na escola (por exemplo: preparar para a alfabetização) e desenvolver hábitos coerentes com os exigidos pela escola (por exemplo: hábitos de conversação)”. Assim, a família contribui para a formação escolar de diversas maneiras, mesmo que por meio de pequenas ações, que desempenham um papel significativo nesse processo. Segundo a visão de Paro

A família influencia positivamente quando transmite afetividade, apoio e solidariedade e negativamente quando impõe normas através de leis, dos usos e dos costumes. É no seio familiar, que a criança aprende a socializar, dividir, compartilhar e conviver em grupo (1981, p. 13).

Partindo dessa perspectiva, o autor destaca sobre o papel dual da família, tendo em vista que influencia positivamente quando oferece incentivo, apoio e afetividade a criança, elementos essenciais para desenvolvimento social e emocional que estimulam a confiança e autoestima da mesma. Por outro lado negativamente, quando diz respeito a imposição de normas de forma rígida e autoritária, podendo sufocar a criatividade e individualidade da criança.

Nessa perspectiva, a criança ao qual os pais participam positivamente com a vida escolar da mesma, resulta em uma abordagem mais efetiva em relação ao seu aprendizado na escola. Quando os pais participam ativamente das atividades escolares da criança, a escola consegue identificar eventuais problemas que ela possa enfrentar e buscar soluções em conjunto com a família de maneira mais acessível, em comparação com crianças cujos pais não se envolvem na escola. Muitas vezes, o fracasso e a evasão escolar da criança são erroneamente atribuídos apenas à escola pela família, sem que haja tentativa de apresentar sugestões ou propostas para que juntos possam consolidar uma ação para resolver tal problema.

O acompanhamento escolar é crucial para o bom desempenho acadêmico, no entanto, muitos pais e responsáveis só comparecem à escola quando solicitados devido a alguma dificuldade enfrentada pela criança. Mesmo quando convocados, muitos não comparecem, o que representa uma grande dificuldade para a comunidade escolar. Essa situação reflete a falta de consciência por parte dos pais sobre a importância de acompanhar de perto o desenvolvimento e as dificuldades

enfrentadas pela criança na escola. É por meio da participação ativa da família que a criança poderá receber uma educação de qualidade. Como afirma Reis (2007, p. 06), “as duas mais importantes instituições da sociedade contemporânea, a família e a escola, devem unir esforços em busca de objetivos comuns”.

A participação dos pais, independentemente de serem ou não solicitados pela instituição escolar, e a proximidade da família com os professores são ações essenciais para acompanhar o progresso do aluno dentro e fora da escola. Os pais precisam reconhecer a importância de estar a par do processo de aprendizagem da criança e não apenas se limitar a acompanhar, mas também a identificar as dificuldades enfrentadas por ela. Dessa forma, poderão colaborar com a escola para desenvolver estratégias que ajudem a criança a obter um desempenho satisfatório. Todo esse envolvimento trará inúmeros benefícios para a criança. “A escola nunca educará sozinha, de modo que a responsabilidade educacional da família jamais cessará. Uma vez escolhida a escola, a relação com ela apenas começa. É preciso o diálogo entre escolas, pais e filhos” (Reis, 2007, p. 06).

Neste contexto, a escola também tem a preocupação de chamar a família para a participação escolar, certo que inúmeras vezes não há interesse, pais ou responsáveis não se empenham em ter essa aproximação, e por vezes, há o interesse, porém o afastamento por parte da escola. Geralmente, um dos mais rotineiros meios de contato escola e família se dar através de reuniões, que normalmente abordam, assuntos referentes a dificuldades dos alunos de forma genérica, falam sobre como vão as notas, datas comemorativas, entre outros, alguns casos os responsáveis da criança nunca nem participam. Mittler (2003, p. 213) argumenta que

Uma verdadeira parceria, como em qualquer relação próxima, implica respeito mútuo baseado em uma vontade para aprender com o outro, uma sensação de propósito comum, um compartilhamento de sentimentos. Esses princípios e valores são relevantes para serem trabalhados com todos os pais e mães, mas eles representam somente a pedra fundamental de uma relação de trabalho com as famílias, as quais são diferentes entre si e têm necessidades distintas.

Para acontecer uma parceria eficaz entre escola e a família, é necessário o respeito mútuo, disposição para aprender um com o outro e propósito em comum. Por vezes, essa é uma realidade que pode justificar o fato de algumas famílias participarem mais que outras. Assim, é importante para a escola perceber que cada

família traz uma realidade de vida diferente.

Na rotina escolar, existem diversas dificuldades quanto a questões de proximidades entre família e escola. Discursos negativos de gestores escolares em relação a família por não participarem ou apoiarem a escola, dispendo o processo de ensino e aprendizagem somente aos professores, tornando assim um trabalho desestimulado, pois sozinho não obtém os retornos esperados e necessários para um ensino de qualidade.

Essa relação se configura como um ambiente de responsabilidades e expectativas, onde a família é identificada pela escola como elemento fundamental para o sucesso ou fracasso do aluno. Isso sugere que os que tem melhor desempenho são aqueles que contam com o apoio, incentivo e orientação de seus familiares, colaborando para uma aprendizagem eficaz e complementar ao que é ensinado em sala de aula. “Assim, a escola que toma como objeto de preocupação levar o aluno a querer aprender precisa ter presente a continuidade entre a educação familiar e a escolar” (Paro, 1999, p. 3), buscando uma parceria que foque na formação de pessoas críticas e reflexivas.

Nesta perspectiva, a responsabilidade da escola não é assumida de forma isolada, mas sim em parceria com as famílias, onde o estímulo e o apoio do ambiente desempenham um papel crucial. Isso nos leva a refletir sobre as frequentes queixas dos professores em relação à falta de comprometimento e colaboração por parte dos pais. É fundamental ressaltar que ao mencionarmos parceria e apoio, não nos referimos apenas ao ambiente familiar ou escolar de maneira isolada, mas sim à relação de reciprocidade e colaboração que deve existir entre ambos, e aos recursos disponíveis que possam contribuir para esse processo, almejando na busca dessa parceria e de fornecer ferramentas que incentivem o desempenho dos alunos.

A promessa de uma relação produtiva entre a escola e a família inclui ganhos para a família (coesão, empoderamento), para a escola (eficácia), para os estudantes (o sucesso de todos) e para a sociedade (a construção democrática a partir da base e do cotidiano). (Carvalho, 2000, p. 04)

Existem múltiplos benefícios de uma relação produtiva entre a escola e a família, que se estendem para diversos níveis da sociedade. Esta parceria oferece vantagens significativas para a família, a escola, os estudantes e a sociedade como um todo.

Nesse sentido ser participante da formação de um indivíduo contribui muito mais do que possamos imaginar, reflete no sucesso escolar e no social. Uma construção de todos que traz ganhos para toda comunidade escolar.

Para isso existi as propostas de aproximação pensadas e planejadas, que precisam ser colocadas em prática, “[...] observa-se que no geral as propostas participativas ainda permanecem mais no plano da retórica do que no da prática” (Jacobi, 2008, p. 3). Isso demanda da comunidade escolar a implementação de meios de envolvimento da família que vão além das reuniões esporádicas. A escola deve criar momentos de aproximação mais frequentes e significativos, que permitam uma participação efetiva da família na vida escolar do aluno e que também sejam gratificantes para os pais ou responsáveis. Embora possa representar um desafio para ambas as instituições, esse envolvimento é fundamental.

Como a família representa um alicerce que fortalece a educação da criança, sem esse suporte poderá comprometer o seu desenvolvimento, pois é através dos ensinamentos da família que a escola consegue ampliar outros conhecimentos, contribuindo para que aconteça uma relação de compartilhamento.

Diante disso, partindo de como essa relação acontece no contexto do indivíduo com autismo, é fundamental que tanto a comunidade escolar quanto a família da criança incluídas no sistema educacional estejam engajados na mesma perspectiva de inclusão e sejam conscientes de participarem ativamente nesse processo, considerando a influência da família na construção da identidade, valores e de aspectos que podem impactar positivamente ou negativamente no desenvolvimento da criança com TEA.

Nessa perspectiva, a importância do apoio familiar é crucial para que aconteça a inclusão da criança autista de forma efetiva e assim, possa desenvolver habilidades acadêmicas. Para acontecer esta inclusão, Tanaka (2010, p. 115) destaca o papel da família como sendo a

[...] principal responsável pelas ações do seu filho com necessidades especiais, visto que é ela quem lhe oferece a primeira formação. Na integração/inclusão escolar, o aluno com apoio dos profissionais e da família, poderá adquirir competências ainda maiores, se tiver um envolvimento como a "parceria".

Nesse sentido, a família atua como a primeira a proporcionar a criança com TEA o suporte para sua formação e desenvolvimento cognitivo. Em colaboração

com a escola, o processo de inclusão torna-se mais eficaz, possibilitando a criança adquirir competências mais amplas em um ambiente de suporte contínuo e abrangente. Quanto aos profissionais da educação estarem preparados e capacitados para atuarem, promoverá além da inclusão, perspectivas de aprendizagem e desenvolvimento de habilidades sociais no aluno.

É importante a família da criança com TEA colaborar com o profissional da educação no fornecimento de informações sobre a criança, pois estará permitindo que ele desenvolva estratégias e consiga através dessas informações implementar abordagens mais eficazes que reflitam no processo educativo do aluno com autismo. Apoiando essa ideia, segundo Serra (2010, p. 47), “a família pode colaborar de maneira muito especial para o desenvolvimento da criança com autismo na escola, principalmente fornecendo aos profissionais informações sobre as formas de comunicação da criança”. Ao reconhecer e utilizar as informações fornecidas pelos pais, os educadores podem se comunicarem melhor com a criança e compreender e saber como lidar com alguma limitação específica que apresente. De acordo com Serra (2010, p. 41):

A família do indivíduo com autismo possui um papel decisivo no seu desenvolvimento. Sabemos que se trata de famílias que experimentam dores e decepções em diversas fases da vida, desde o momento da notícia da deficiência e durante o processo de desenvolvimento de seus filhos.

Desta forma, a autora reconhece os desafios emocionais que a família da criança com TEA enfrenta, desde a suspeita do transtorno, o diagnóstico inicial, e assim ao longo do processo de crescimento e desenvolvimento da criança. Ao referir-se sobre “dores e decepções” sublinha o contexto de dificuldades emocionais que essas famílias vivenciam. Com isso, ao matricular seu filho na escola criam expectativas sobre como acontecerá a evolução da criança, para isso é importante que escola esteja aberta para acolher as crianças com TEA, como também seus familiares, e juntos caminharem em colaboração no processo de escolarização.

## 4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção, abordamos sobre os procedimentos metodológicos utilizados para construção deste estudo. A metodologia científica, de acordo com Minayo (1994, p. 16), é “[...] a articulação entre conteúdos, pensamentos e existência, [...] as concepções teóricas de abordagem, o conjunto de técnicas que possibilitam a construção da realidade e o sopro divino do potencial criativo do investigador”. Nessa perspectiva, a metodologia favorece ao pesquisador utilizar de métodos adequados que o possibilitem alcançar o objetivo almejado, que foi delimitado durante o progresso de sua pesquisa, articulando-os de forma que descreva tipo de pesquisa, trajetória, instrumentos utilizados, caracterização dos participantes, entre outros, contribuindo para um resultado satisfatório ao fim da pesquisa.

A metodologia funciona como instrumento para realizar a pesquisa científica, utilizando de técnicas e métodos adequados para o desenvolvimento da mesma. A pesquisa representa um processo que proporciona respostas ao problema a ser pesquisado, sendo desenvolvida através de conhecimentos, métodos, técnicas, entre outros procedimentos, que vai desde a escolha da problematização até a análise dos resultados obtidos.

### 4.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

A referente pesquisa aqui abordada consideramos de natureza básica, que aprofunda-se a um determinado assunto, sem pretensões de aplicar na prática. Segundo Nascimento (2016, p. 01), “A pesquisa básica objetiva gerar conhecimento novo para o avanço da ciência, busca gerar verdades, ainda que temporárias e relativas, de interesses mais amplos (universalidade), não localizados”. Sendo uma pesquisa utilizada para abordar determinados temas que não foram ainda totalmente debatidos, analisando assim concepções e ideias.

Para a realização desse estudo, o tipo de pesquisa utilizado é de caráter descritiva e exploratória. Sendo descritiva pois descreve os desafios e as oportunidades presentes na relação entre família e escola no processo educativo de alunos com TEA. Conforme Gil (2002, p. 42), “As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis.”. Sendo também exploratória, pois realiza-se um levantamento, para melhor compreender o objeto a

ser estudado e assim familiarizar-se com o problema apresentado para pesquisar. Dessa forma, Gil (2002, p. 41) destaca que

Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições.

Nesse sentido, utilizamos para esta pesquisa a abordagem qualitativa. Onde segundo Minayo (2001, p. 21-22),

[...] responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

A pesquisa qualitativa refere-se aquilo que não pode ser mensurável, não é representada por números, toma posse de uma realidade sem quantificações, ao qual busca aprofundar o foco em aspectos da realidade. Partindo desse pressuposto, a ideia é fazer uma reflexão e análise do tema estudado.

Para esta pesquisa utilizamos a entrevista como instrumento para coleta de dados. Sobre a entrevista Minayo (2009, p. 64) enfatiza que

[...] é acima de tudo uma conversa a dois, ou entre vários interlocutores, realizada por iniciativa do entrevistador. Ela tem o objetivo de construir informações pertinentes para um objeto de pesquisa, e abordagem pelo entrevistador, de temas igualmente pertinentes com vistas a este objetivo.

Para se realizar uma entrevista é necessário uma forma de organização, em que o pesquisador estipula o tipo de entrevista ao qual trará melhores resultados para sua investigação. Nesse estudo, a entrevista escolhida foi a semiestruturada, ao qual segundo Minayo (2009, p. 64) “[...] combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada”.



## 4.2 PARTICIPANTES DA PESQUISA

Para a realização desta pesquisa tivemos 05 participantes: 03 professoras, destas 02 atuando na rede municipal de ensino e 01 atuando na rede privada de ensino, e 02 mães de crianças com TEA.

A escolha de realizar a entrevista com professoras e mães de crianças com TEA, se deu pelo fato que buscava-se através das respostas de cada entrevistada conseguir identificar como está acontecendo a relação entre escola e a família de alunos com TEA, sendo importante ouvir a posição de cada instituição. Um desafio encontrado no decorrer da pesquisa foi algumas professoras se recusarem a participarem da pesquisa, pois demonstravam insegurança em falar sobre o tema, por isso uma das entrevistadas é da rede privada, pois das professoras da rede municipal selecionadas, algumas não aceitaram participar.

Com relação as mães demandou um pouco de tempo, pois sempre que solicitadas alegavam estarem ocupadas, sendo necessário por parte do pesquisador tentar várias vezes até conseguir realizar as entrevistas. Sendo que de 05 mães selecionadas, apenas com 02 efetivou-se a entrevista, e de 05 professoras apenas 03 se colocaram à disposição.

Os critérios para escolha dos participantes da pesquisa era que fossem professoras, e as mães de crianças com TEA. Os participantes foram informados com antecedência que teriam suas identidades preservadas, e assim serão identificados por pseudônimos: Professora 01 (Violeta), Professora 02 (Jasmin) e Professora 03 (Melissa). Para a mãe 01 (Orquídea) e a mãe 02 (Hortênsia).

A professora Violeta atua em uma escola particular, tem 25 anos, graduada em Pedagogia, e atua na área há 03 anos, está como professora em uma turma de Educação Infantil, Pré-I, com 16 alunos, destes 02 alunos com TEA, a mesma tem na sala 02 profissional de apoio, no turno da manhã.

A professora Jasmin atua em uma escola municipal, tem 34 anos, graduada em Pedagogia, com especialização em Educação Infantil, atua na área há 04 anos, está como professora em uma turma de Educação Infantil, com 18 alunos, destes 01 com TEA, a mesma tem na sala 01 profissional de apoio e 01 monitora, no turno da manhã.

A professora Melissa atua em uma escola municipal, tem 40 anos, graduada em Pedagogia, tem especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional, como

professora atua há 03 anos em turma de Educação Infantil, com 16 alunos, destes 01 aluno com TEA, a mesma tem na sala 01 profissional de apoio para a criança, no turno manhã.

Orquídea é mãe de uma criança com TEA com 05 anos de idade, que está matriculado na rede privada, na turma do Pré-I. A criança faz acompanhamento com neurologista. Ela é verbal e possui nível de suporte 1. Ela é dona de casa, possui ensino médio completo e tem 40 anos de idade.

Hortênsia é mãe de uma criança com TEA, com 07 anos de idade, que está matriculado na rede municipal de ensino, na turma do 1º ano. De acordo com a mãe no laudo da criança além do autismo apresenta, deficiência intelectual, com atraso da linguagem verbal, dislalia, faz muita ecolalia imediata, contato visual fugaz, baixo interesse pelos pares, apresenta movimento repetitivo de balançar as mãos e tem o brincar pouco funcional.

As entrevistas tanto das professoras como das mães foram realizadas na residência das mesmas, localizadas no município de Triunfo-PB.

#### 4.3 INSTRUMENTOS DE COLETAS DE DADOS

Para a realização das entrevistas semiestruturadas com as professoras e as mães das crianças com TEA, foi elaborado roteiros com 05 questões para as professoras e 05 questões para as mães. Após terem sido convidadas a participarem da pesquisa tanto as professoras como as mães foram informadas como mencionado acima da preservação de dados. Isso contribuiu para as professoras responderem com melhor precisão, pois apresentavam um pouco de receio em participar, e não saberem responder, e assim foram informadas do sigilo, como também não precisariam se preocupar em repostas certas ou erradas, pois no decorrer da conversa só precisava que relatassem suas vivências e experiências, isso deixou-as mais vontade em falar sobre o tema. Já as mães eram apenas a disponibilidade de tempo, pois ao serem solicitadas se mostraram muito interessadas em responderem as perguntas sobre o tema.

As entrevistas foram gravadas e transcritas, onde posteriormente seriam organizadas em categorias, que submergiram a partir dos dados coletados. Para a análise, foram examinadas a fala das participantes (professoras e mães) sobre abordagens da relação família e escola, inicialmente foram analisadas trechos das falas, que podemos categorizar relacionadas ao conceito de autismo, participação

família e escola no processo educativo da criança, obstáculos existentes na inclusão do aluno com TEA e ao final a perspectiva das mães sobre como envolver mais a família no processo educacional da criança com autismo.

## 5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS: A RELAÇÃO ENTRE FAMÍLIA E ESCOLA DA CRIANÇA COM TEA

Inicialmente buscamos compreender o que representava o autismo para as entrevistadas, assim, quando perguntadas sobre o que elas entendiam sobre autismo, mencionaram ser um “tema bem recente” (Professora Violeta), onde “antes era muito difícil de ouvir falar em criança com autismo e hoje em dia tem muitos casos”, (Professora Melissa), percebe-se que a incidência de sujeitos com autismo aumentou significativamente nas últimas décadas.

Apesar de ser um assunto bastante debatido atualmente, no entanto, a professora Jasmin se refere ao autismo como uma doença, quando diz que “é uma patologia que tem diferentes níveis”, todavia, estudos mostram que o TEA não se trata de uma doença, conforme Bottan (2020) destaca, o autismo não é uma doença, e sim um transtorno de desenvolvimento complexo, que afeta o comportamento, como também apresenta graus de severidade variados. Essa fala da professora demonstra ser uma visão errônea sobre o tema, o que revela a necessidade de mais divulgação e informações acerca do TEA, como também formação continuada para os professores, pois, a fala dela comprova que apesar de ser um assunto em evidência atualmente, ele ainda não é totalmente conhecido pelos professores.

Nessa mesma perspectiva sobre as características que uma criança com TEA apresenta como: comportamento, socialização, atrasos na linguagem e a presença de movimentos repetitivos, as três professoras pontuaram bem. Sobre a fala das mães entrevistadas, relatam terem observados a presença desses traços nos filhos delas, que contribuíram para descobrir o autismo neles, Orquídea relata que seu filho “já tinha alguns atrasos na fala, eu falava e ele não olhava, gostava de empilhar objetos, algumas características nele eu já vinha percebendo”, do mesmo modo, a mãe Hortência destaca que descobriu que seu filho era autista pelos comportamentos que ele apresentava, “não respondia chamado, dificuldade na fala e não focava o olhar”. Segundo Souza (2019, p. 16), é o autismo é considerado:

Um transtorno global de desenvolvimento que se caracteriza por desvios qualitativos na comunicação e na interação social. [...] em alguns casos, podem apresentar incríveis habilidades intelectuais, educacionais, motoras, musicais, de memória, linguísticas e outras, que muitas vezes não estão de acordo com a sua idade cronológica.

Dessa forma, podemos compreender que o autismo se trata de um transtorno do neurodesenvolvimento que pode ser diagnosticado durante o desenvolvimento infantil, onde de acordo com a fala das participantes, as crianças apresentam sinais desde cedo, e podem ser perceptíveis pelos próprios pais antes dos três anos de idade, sendo necessário esse olhar atento da família. Belisário e Cunha (2010) afirmam que as manifestações do TEA variam conforme o nível de desenvolvimento e a idade da criança. O transtorno é caracterizado por grandes prejuízos na interação social, podendo também apresentar dificuldades nos comportamentos não verbais que regulam essa interação.

Na segunda pergunta, pedimos que as entrevistadas descrevessem sobre a comunicação existente entre a família do aluno com TEA e a escola? Para essa questão, buscamos compreensões em torno de como estava acontecendo essa comunicação, visto que a parceria família e escola para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem da criança com autismo é um fator essencial.

Para a maioria das participantes, essa comunicação está acontecendo, segundo Violeta, “as mães são muito atenciosas e sempre estão perguntando”, a professora Melissa reforça afirmando que “a comunicação entre a família do meu aluno com a escola está acontecendo de forma positiva.

Nesse contexto a fala da mãe Hortênsia corrobora o que disse as duas professoras: “a comunicação atual entre eu e a escola tem sido boa, tem sido bom pelo fato delas deixarem eu sempre a par do desenvolvimento dele”.

O professor aqui assume papel de colaborador da família, pois ao matricular seu filho na escola, os pais estão movidos de sentimentos de preocupação e expectativas pra o desenvolvimento dos seus filhos, e nesse contexto “[...] precisa perceber-se como o outro da mediação pedagógica, que privilegia as potencialidades da criança com Autismo, de forma que se possibilite uma vivência significativa [...]” (Chiote, 2013, p. 49), sendo visto como parceiro nesse processo, o professor tem a responsabilidade de dar subsídios ao aluno com TEA, para isso, é importante receber da família as contribuições necessárias para desenvolver ações voltadas para o progresso do aluno com autismo, a mãe Orquídea confirma essa parceria ao afirmar que “a nossa comunicação é excelente, qualquer coisas elas me perguntam”.

Nesse sentido, a parceria entre família e escola torna-se importante, visto que os pais da criança com TEA podem colaborar com informações sobre a criança, e

isso se faz necessário para que ações na escola de planejamento para prática pedagógica das crianças com TEA sejam consolidadas. Diferente das demais entrevistadas a professora Jasmin não destaca com fala positiva essa comunicação, relata que “a comunicação é falha, no meu caso, a mãe do meu aluno está em um processo de aceitação”. Na relação família e escola do aluno com TEA, é fundamental que estas se comprometam em assumir um compromisso de reciprocidade, com responsabilidade distribuídas de forma igual. Em concordância com essa visão, Santos (2009, p. 5) ressalta que:

No que cabe às relações entre família e escola, torna-se imperativo assumir um compromisso com a reciprocidade. De um lado, a família, com sua vivência e sabedoria prática a respeito de seus filhos. De outro, a escola com sua convivência e sabedoria não menos prática a respeito de seus alunos. É preciso entender que esses mesmos alunos são também os filhos, e que os filhos são (ou serão) os alunos. Dito de outra forma: cabe às duas instituições mais básicas das sociedades letradas o movimento de aproximação num plano mais horizontal, de distribuição mais igualitária de responsabilidades.

Cabe assim, a cada instituição buscar essa aproximação, sem existir superioridades, realizando uma distribuição igual de responsabilidades.

Em seguida na terceira pergunta apontamos sobre a participação da família no processo de aprendizagem do aluno com TEA. De acordo com a percepção das professoras e das mães evidenciou-se que elas acreditam na participação da família na escola como elemento primordial para o desenvolvimento cognitivo, social e intelectual da criança com TEA.

Como destaca a professora Violeta na sua fala com muita precisão, que as mães dos seus alunos com TEA “são muito dedicadas, isso vejo que contribui muito no progresso dos meus alunos, tem um deles que não pegava no lápis e já pega, vejo isso como reflexo do trabalho que fazemos na escola e a família dá continuidade em casa”. Na mesma sintonia a professora Melissa destaca que “a participação da família na vida escolar do meu aluno vejo que faz toda diferença no desenvolvimento dele”.

Percebe-se assim que o trabalho do educador feito em sala e complementado em casa contribui para o aluno com autismo desenvolver habilidades e favorecer na construção de aprendizagem, como destaca a mãe Orquídea quando relata que “tô muito feliz pelo desenvolvimento dele na escola, [...] através da escola, ele tá interagindo melhor com os coleguinhas”, em concordância com a mesma visão a

mãe Hortência relata sobre a escola “deixa-lá sempre a par do desenvolvimento do meu filho [...] posso afirmar que ele está bem melhor na socialização e respondendo melhor aos comandos”. Norteando essa perspectiva Chimenes e Santana (2020) destacam que essa colaboração facilita a troca de experiências e o acompanhamento do processo educacional, contribuindo para o sucesso escolar das crianças com TEA.

A relação colaborativa entre pais e educadores ajuda a garantir que a criança com autismo se desenvolva em um ambiente favorável. Isso evidencia o quanto o trabalho realizado com a criança acompanhada pela família é significativo em seu processo de aprendizagem, a família que participa, que sempre está em busca da escola para saber sobre como está o desenvolvimento de seu filho, tem resultados positivos e mais rápidos em relação a criança que não é acompanhada, como destaca a professora Jasmin, “eu vejo que a família não participa de forma que possa vir a contribuir com o processo de aprendizagem do meu aluno. A mãe dele não faz as tarefas de casa com ele e acaba dificultando o que desenvolve na escola”.

Quando a família não participa, não se pode esperar resultados tão bons da criança, tendo em vista que a dinâmica com um aluno com TEA se faz de forma diversificada, um pouco mais lenta em relação aos demais, pois é necessário se adaptar ao tempo da criança, pois como assevera Serra (2010, p. 47) “o processo de aprendizagem das crianças com autismo, por vezes, é lento, e por isso é muito importante eleger as melhores prioridades em colaboração entre pais e a equipe que atende a criança”.

Na quarta pergunta direcionamos nosso interesse de investigação sobre os obstáculos enfrentados pela família do aluno com autismo durante o processo de inclusão escolar. Em relação a este aspecto a professora Violeta (2024) refere-se a “a questão do mimo com a criança autista, em casa eles tem tudo quer aí nisso eles tem resistência pra participar das atividades, não querem fazer nada sozinhos”, essa questão colocada pela professora nos remete a questão de que uma criança com TEA, apesar de suas limitações, precisam ser trabalhadas habilidades de autonomia e conseguir realizar atividades que contribuam para desenvolver suas habilidades.

O mimo ao qual a professora refere-se, enfatiza o cuidado dos pais e por verem a criança com TEA como dependentes deles exclusivamente. Nesse sentido, Cunha (2009) aponta que o ocorre é que os pais, se sentem muitas vezes inseguros

para corrigir o filho buscando assim atraí-lo para um ambiente familiar com menos rigor, deixando para a escola essa forma mais comportamental de agir. Ao ingressar na escola, tudo é novo tanto para as crianças quanto para a família, que ao matricular o filho na escola percebe que o suporte não é só para criança, como também para os pais que ansiosos buscam apoio na escola.

Coadunando com esse pensamento, a mãe Hortênsia expressa suas apreensões ao matricular seu filho, “minha maior preocupação quando o meu filho foi para escola era saber que ele era uma criança autista, e que ia precisar de todo suporte, como eu também precisaria de suporte, e eu tenho recebido esse suporte”, a escola não deve apenas permitir que a criança com autismo seja matriculada, ela precisa promover uma inclusão de fato na escola.

A mãe Orquídea também apontou a mesma preocupação “quando fui matricular ele na escola, eu disse a ela (diretora) todas as minhas preocupações, principalmente dele não querer ficar na sala quando estava na creche”. Sobre a matrícula do aluno com TEA, a professora Jasmin afirma que “a inclusão vai muito além de estar com um aluno com autismo matriculado na escola”.

Isso reflete sobre a importância de todos que fazem parte da escola, terem consciência e conhecimento que não é só a questão de ter um aluno com TEA ou outra deficiência matriculado na escola que faz ser uma escola inclusiva, as práticas para que aconteça realmente essa inclusão são necessárias. Reforçando as falas das entrevistadas nesta perspectiva, Chimenes e Santana (2020), apontam que muitos educadores e outros profissionais acreditam que inserir alunos com deficiência em classes regulares é suficiente para a inclusão.

No entanto, a verdadeira inclusão escolar vai muito além, envolve tanto a inclusão do aluno com autismo, como sua família que precisa estar recebendo todo suporte necessário para superar suas angústias, preocupações, e de certa forma, conseguir incluir sua criança no seu cotidiano, que por vezes acaba se isolando até do convívio social por medo dos seus comportamentos.

Para finalizar nossas entrevistas, na última pergunta direcionamos somente para as mães participantes o questionamento. Pedimos que dessem uma sugestão sobre como a escola poderia envolver mais a família no processo educativo do seu filho. Nesse sentido, a mãe Orquídea afirma que “manter essa comunicação é fundamental, procurar manter sempre contato com a família”. Para a Mãe Hortênsia,



“além das reuniões que já tem, eu acredito que deveria ter momentos com a família nas escolas com mais frequência, para envolver mais pais e filhos”.

Na fala das mães, compreendemos que as famílias consideram também importantes essa comunicação estabelecida entre família e escola, comprovando que quando realizada com frequência, favorecem identificação de áreas que podem ser melhoradas, e assim, permitir intervenções precoces, que tragam avanços no desenvolvimento da criança, podendo a família da criança com autismo acompanhar os progressos de seus filhos, celebrando conquistas e em parceria com a escola trabalhar juntas ações para superar dificuldades. Dessen e Polonia (2007) corroboram nessa perspectiva que a parceria escola e família constituem dois contextos que são fundamentais para desenvolvimento do indivíduo, da importância em andar juntos, na busca de um mesmo objetivo.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizarmos este trabalho constatamos que a participação da família é bastante relevante para o desenvolvimento da criança com autismo, que em parceria com a escola contribui significativamente para seu processo educativo, favorecendo evoluções no comportamento, na interação social e nas habilidades sociais e cognitivas. Quando não acontece essa participação de forma efetiva, pode comprometer o processo e acarretar prejuízos nas habilidades a serem desenvolvidas.

Diante disso, a pesquisa teve como objetivo geral compreender a relação entre a família e a escola do aluno com autismo. Verificou-se que o objetivo traçado foi alcançado, pois a pesquisa identificou que para o desenvolvimento da criança com TEA a família apresenta-se como a principal responsável. Ao começar a frequentar a escola, ela se depara com um cenário novo, que possibilitará melhor seu desenvolvimento. No entanto, a partir desse momento a família e a escola precisaram caminhar juntas, numa relação de reciprocidade, respeito e apoio mútuo, pois sem esse apoio o processo educativo resultará em um processo lento e sem avanços.

Quanto aos objetivos específicos traçados para este estudo, todos foram alcançados através do entendimento de como a escola está oportunizando a família da criança com TEA participar do seu processo formativo. Nesse sentido, isso acontece através da troca de informações e comunicação bem-sucedida. Sobre os desafios existentes, comprovou-se que existem, e que a escola busca formas de aproximar a família e juntos buscar soluções.

Em relação a metodologia, a pesquisa escolhida mostrou-se essencial para a realização deste estudo. No decorrer da construção ficou clara algumas limitações, especialmente no momento de realizar as entrevistas, pois as participantes demonstravam sentimentos de receio em falar sobre a temática, e isso acontecia mais da parte das profissionais. Outra questão foi o número de pessoas escolhidas a participarem da entrevista, que quando solicitadas poucas se dispuseram a participar e alegavam estarem ocupadas quando combinava de realizarmos a entrevista. Isso demandou um tempo maior para coleta dos dados.

Assim, concluímos com a convicção da relevância da pesquisa realizada, sendo necessário essa abordagem de forma mais efetiva em escolas, para contribuir

no processo educativo da criança com autismo. Apesar de ser uma temática nova, é bastante abrangente, então é necessário que a busca por conhecimentos seja constante. A pesquisa mostrou a importância da formação continuada para professores estarem se capacitando para atuarem com eficácia, como também a importância do apoio as famílias de crianças com TEA.

Por fim, conclui-se que para futuras pesquisas é possível ampliar as leituras, podendo explorar outras bases de pesquisa, com a finalidade de obter mais produções sobre a temática, contribuindo para a construção de novos conhecimentos. Cabe enfatizar, a importância de reflexões sobre a relação família e escola do aluno com autismo, na perspectiva de colaborar no desenvolvimento de habilidades sociais e cognitivas. Dessa forma, esperamos contribuir para que outras produções futuras possam emergir através dessa pesquisa.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Liubiana Arantes de. Transtorno do Espectro Autista. **Departamento Científico de Pediatria do Desenvolvimento e Comportamento**. n 5. Abril 2019. Disponível em: >[https://www.sbp.com.br/fileadmin/user\\_upload/21775c-MO\\_-\\_Transtorno\\_do\\_Espectro\\_do\\_Autismo.pdf](https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/21775c-MO_-_Transtorno_do_Espectro_do_Autismo.pdf)< Acesso em: 02 de abr de 2024.

BELISÁRIO, J. F. Filho; CUNHA, Patrícia. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: transtornos globais do desenvolvimento**. Brasília: Ministério da Educação, 2010.

BOTTAN, G. P. (2020). **Analisar a alimentação de autistas por meio de revisão de literatura**. Brazilian Journal of Development. 6(12).  
<https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/21949>

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. LDB - Lei nº 9394/96. Presidência da República. Disponível em: L12764. Acesso em: 01 de jul. de 2024.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil** de 1998. Brasília: Casa Civil, 1988. Disponível em: L12764. Acesso em: 01 de jul. De 2024.

BRASIL. **Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtornos do Espectro Autista**. Lei nº 12.764/2012. Presidência da República. Disponível em: L12764. Acesso em: 15 jun. 2024.

BRASIL. **Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtornos do Espectro Autista**. Lei nº 12.764/2012. Presidência da República. Disponível em: L12764. Acesso em: 15 de jun. de 2024

BRASIL. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência** (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Lei nº 13.146/2015. Brasília, 2015. Acesso em: 15 de jun. de 2024.

BRASIL. **Declaração de Salamanca e Linha de Ação Sobre Necessidades Educativas Especiais**. Brasília: Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, 1994.

CAMARGO, Pimentel Höher; BOSA, Cleonice Alves. Competência social, inclusão escolar e autismo: revisão crítica da literatura. **Psicologia & Sociedade**, v. 21, n. 1, p. 65-74, 2009. Disponível em: Acesso em: 02 fevereiro de 2024

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. Relações entre família e escola e suas implicações de gênero. **Caderno de Pesquisa**, nº 110. Julho/2000.

CHIOTE, Fernanda de Araújo Binatti. Inclusão da criança com autismo na educação infantil: Trabalhando a mediação pedagógica.3.ed.RiodeJaneiro:Wak,2019.p.23-87.

CHIMENES, G. M., & SANTANA, M. L. da S. (2020). Parceria família e instituição de educação para inclusão de crianças autistas. **Revista Anápolis Digital**, 11(2).

Disponível em: <https://portaleducacao.anapolis.go.gov.br/revistaanapolis/wp-content/uploads/2023/vol11/2.pdf>. Acesso em: 02 de jul. 2024.

SCHMIDT, Carlo. Transtorno do Espectro Autista: perspectivas atuais e desafios futuros. In: CAMINHA, Vera Lúcia P. dos S; HUGUENIN, Julliane Y. Autismo: **Caminho para a aprendizagem**. Bogotá: Corporación Universitaria Iberoamericana, Editorial IbërAM, 2018.

JACOBI, Pedro Roberto. Estado e educação: o desafio de ampliar a cidadania. **Educ. revista online**. 2008, n. 31. ISSN 0104-4060.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, Para quê?** 3ed. São Paulo: Cortez, 2000.

MITTLER, Peter. **Educação Inclusiva: contextos sociais**. Porto Alegre, Artmed: 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MINAYO, M. C. S. **Ciência Técnica e Arte: o desafio da pesquisa social**. Suely Ferreira Deslandes, Otávio Cruz Neto, Romeu Gomes e Maria de Souza Minayo(org.). Petrópolis, Vozes, Rio de Janeiro, 1994.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

NASCIMENTO, Francisco Paulo do. Classificação da Pesquisa. Natureza, método ou abordagem metodológica, objetivos e procedimentos. In: NASCIMENTO, Francisco Paulo do; SOUSA, Flávio Luís Leite. **Metodologia da Pesquisa Científica: teoria e prática: como elaborar TCC**. Brasília: Thesaurus, 2016.

NUNES, Sylvia da Silveira; SAIA, Ana Lucia; TAVARES, Rosana Elizete. **Educação Inclusiva: Entre a História, os Preconceitos, a Escola e a Família**. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/19823703001312014>. Acesso em: 17 de jun. de 2024

OSÓRIO, L. C. **Família hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

OLIVEIRA, Claisy Maria marinho-Araújo, Cynthia Bisinoto Evangelista de. **A relação família-escola: inserções e desafios**. Estudos de Psicologia – Campinas, Janeiro-março 2010.

OLIVEIRA, Francisco Lindoval. Autismo e inclusão escolar: os desafios da inclusão do aluno autista. **Mundo Jovem: um jornal de idéias**. p. 06. Ano XLV –nº 373 - Fevereiro de 2007.

**Revista Educação Pública**, v. 20, n. 34. 2020. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/34/josephautismoeinclusaoescolarosdesafiosdainclusao-doalunoautista>. Acesso em: 17 jun. de 2024.

PARO, Vitor Henrique. *Administração Escolar e Qualidade de Ensino: O que os Pais ou Responsáveis Têm a Ver Com Isso?* Rio de Janeiro, DP & A, 1999.  
PRADO, Danda. **O que é família?** 1.ed. São Paulo: Brasiliense, 1981. \ (Coleção Primeiros Passos).

POLONIA, A.C.; DESSEN, M. A. **A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano. Família e Escola**, Campinas, 2007.

GIL, Antônio Carlos. Como classificar as pesquisas? In: GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas S.A, 2002.

REIS, Risolene Pereira. **Relação família e escola: uma parceria que dá certo**.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. **Metodologia da pesquisa científica**. 2. ed. Curitiba: IESDE, 2007.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. *Mundo Singular - Entenda o Autismo*, Rio de Janeiro. ED. Fontanar, 2012.

SERRA, Deyse. **Autismo, família e inclusão**. *Polêmica*, v. 9, n. 1, p. 40 – 56, janeiro/março 2010.

SOUZA, André Luiz Alvarenga de. Os desafios enfrentados por crianças autistas e seus pais: um panorama da necessidade da inclusão escolar. In: JUSTUS, Michéle Barreto. **Políticas públicas na educação brasileira: caminhos para a inclusão 2**. Paraná: Atena Editora, 2019.

SILVA, Maria do Carmo Bezerra de Lima; BROTHERHOOD, Rachel de Maya. **Autismo e inclusão: da teoria à prática**. In: V ECPP, Maringá, out. 2009. Disponível em: Acesso em: 21 de janeiro de 2024.

SUPLINO, Maryse. **Currículo funcional natural: guia prático para a educação na área de autismo e deficiência mental**. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, Coordenadoria Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência; Maceió: ASSISTA, 2005. (Coleção de Estudos e Pesquisa na Área da Deficiência; v. 11).

TANAKA, L. M. **Contos de fadas frente à Inclusão Escolar: A construção da imagem simbólica coletiva**. São Paulo: Biblioteca 24 horas, 2010.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A: ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM PROFESSOR (A) REGENTE

O presente questionário foi desenvolvido pela discente Anézia Francisca Lisboa, do Curso de Pedagogia, Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), do Centro de Formação de Professores (CFP), Campus Cajazeiras-PB.

#### Roteiro da entrevista semiestruturada

Informações sobre o professor(a)

Sexo: Feminino ( ) Masculino ( )

Idade: \_\_\_\_\_

Graduação: \_\_\_\_\_

Especialização: \_\_\_\_\_

Tempo de atuação: \_\_\_\_\_

Turma que atua: \_\_\_\_\_ Turno: \_\_\_\_\_

#### Roteiro da entrevista

1. O que você entende sobre TEA (Transtorno do Espectro Autista)?
2. Como você descreveria a comunicação atual entre a família do aluno com autismo e a escola?
3. Como acontece a participação da família no processo de aprendizagem do aluno com autismo?
4. Quais os obstáculos que você observa que a família do aluno com autismo enfrenta durante o processo de inclusão escola?

## APÊNDICE B: ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM PAIS OU RESPONSÁVEIS DA CRIANÇA COM AUTISMO

### Roteiro da entrevista semiestruturada

Identificação dos Pais ou responsáveis

Sexo: Feminino ( ) Masculino ( )

Idade: \_\_\_\_\_

Formação: \_\_\_\_\_

1. Como você descobriu que seu filho era autista?
2. Como você descreveria a comunicação atual entre você e a escola do seu filho?
3. Você acredita que a escola está fornecendo contribuições adequadas para o desenvolvimento do seu filho?
4. Você se sente ouvido e respeitado pelos professores e equipe escolar quando expressa suas preocupações ou sugestões?
5. Você teria alguma sugestão sobre como a escola poderia envolver mais a família no processo educativo do seu filho?